

**MUNDOS EM FRICÇÃO: juventude pobre de Recife em relações de estigma e segregação**

**Edísio Ferreira de Farias Júnior<sup>1</sup>**

Lasciate ogne speranza, voi  
ch'intrate."

(Dante, La Divina  
Commedia – Inferno. Canto  
III)

Esta intervenção tem como proposta a análise das relações que se desenvolvem entre o jovem leitor do jornal *Folha de Pernambuco* e os discursos de segregação e violência. Conforme pode ser detectado em trabalho anterior, os receptores da *Folha de Pernambuco* são, em grande parte, jovens em situação de risco, residentes nas áreas mais segregadas. Estes se tornam o foco preferencial do fotojornalismo de homicídio. Maiores vítimas em potencial da violência urbana, a juventude pobre é retratada no papel do morto, exposto em sua intimidade, ou dos habitantes dos bairros, onde o estereótipo da associação da miséria à violência é reafirmado pela mensagem jornalística.

Em entrevistas realizadas com fotojornalistas da *Folha de Pernambuco*, pode-se detectar a associação que é feita entre a violência e a miséria. Um dos fotojornalistas afirma, em relação às vítimas mortas de forma violenta: "*A maioria das vítimas são jovens, muito jovens, pessoas de dezesseis, dezoito anos, pessoas envolvidas com besteiras, muito gira em torno de bebidas, de alcoolismo. E o ambiente social são favelas, pessoas pobres em geral, 99% destas pessoas são desempregadas, famílias desestruturadas, meninos de rua, meninas novas que se envolvem com gente que não presta, namorados envolvidos em roubo, tráfico de drogas.*"

Questões surgidas em entrevistas ou coleta de dados já realizadas não foram passíveis de discussão em trabalhos anteriores. Dada a complexidade do tema e a especificidade do trabalho de campo, a ser realizado nestes bairros, houve uma impossibilidade prática de abordar a ótica da juventude leitora do jornal, sob o risco de se desvirtuar do seu objetivo e elaborar problematizações e conclusões simplistas. Assim, passei a desenvolver um novo projeto, que se encontra em andamento e tem a pretensão de ser complementar aos questionamentos surgidos nas pesquisas anteriores. É sobre este trabalho o que me proponho a discutir, colocando em pauta os dados e conclusão que se encontram em processo de elaboração.

*"Durante muito tempo, muitos acreditaram, e talvez ainda acreditem, que o erro das ciências humanas e sociais era o de não poder se livrar da complexidade aparente dos fenômenos humanos para se elevar à dignidade das ciências naturais que faziam leis simples, princípios simples e conseguiam que, nas suas concepções, reinasse a ordem do determinismo. Atualmente, vemos que existe uma crise da explicação simples nas ciências biológicas e físicas: desde então, o que parecia ser resíduo não científico das ciências humanas, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, a complicação, etc., faz parte de uma problemática geral do conhecimento científico." (Morin, 2001, p. 177)*

O jornal baseia-se em imagens esperadas que autorizam (Chauí, 1997) e legitimam um discurso de estigmatização e conseqüente segregação. São fotografias estandardizadas e diariamente apresentadas em quantidades significativas. São consideradas um *analogon* do real (Barthes, 2000), por encontrarem-se inseridas no domínio da técnica (Flusser, 2002). *"Nem sempre você está com todas as lentes, e isto já muda a sua linguagem. Se você está com tudo completo, eu acho que todo mundo procura fazer a mesma coisa."*, fala outro fotojornalista. Esta situação a autoriza a apresentar discursos que são legitimados pela suposta autonomia da técnica diante do real.

Busca-se compreender como discursos e práticas sociais constroem uma subjetividade específica que naturaliza relações de estigma e exclusão. Identificando as frases feitas e os lugares comuns, evidenciam-se os processos de segregação e preconceito, detalhados mais a frente. Os discursos sobre a miséria e a violência tomam a realidade como contingenciada ao enquadramento da imagem ou dos textos, desprezando os conflitos e tensões que se desenrolam no seu entorno. Estas relações são negadas e têm o seu foco desviado pelos clichês (Arendt, 1999) que se apresentam como auto-explicativos do mundo.

### **CONTEXTO SOCIAL:**

O jovem apresentado pela *Folha de Pernambuco*, principal segmento alvo da publicação, encontra-se em constante interação, assimilando, elaborando e desenvolvendo códigos simbólicos que, em sua maioria, tentam ordenar, classificar e definir indivíduos e suas posições ocupadas. São códigos que buscam dar conta da dicotomia social entre: ordem e desordem, puro e impuro, normal e anormal, sagrado e profano, limpo e sujo.

Há um *modus vivendi* e um *modus operandi* próprios dos jovens que vivem em espaços segregados? Como se dá o trânsito por espaços distintos e as tensões resultantes dos conflitos entre estes espaços, que procuram afirmar a autoridade de uma fala?

De acordo com as pesquisas realizadas em anos anteriores, os jovens pobres além de disporem de um baixo investimento social necessitam, pelo modelo de sociedade em estudo, ser forçados ou conformados a aceitarem suas condições. *"Penso que os indivíduos vêm no seu meio social um conjunto de pessoas reunidas*

*ou separadas segundo linhas de demarcação que têm de ser respeitadas.”* (Douglas, s/d, p. 163)

É a análise deste indivíduo, sobrecarregado com mensagens que justificam e naturalizam sua posição, o interesse principal desta pesquisa. Levando em consideração a discussão das fricções entre estas vozes que o estigmatizam e a realidade em que vive, observa-se sua relação com o seu mundo e o trânsito (Turner, 1974) pelo mundo do outro, que na realidade formam um mesmo conjunto social, com a carga simbólica que lhe é imposta pelo medo do contágio com a sujeira e a violência. Como se forma sua compreensão do mundo? Quais discursos o pobre sente-se autorizado a proferir e quais ele segreda? Este questionamento contido, em parte, no livro *Los Extraños* (Becker, 1971), onde discute-se os diversos limites que cercam as diferentes formas de exposição de um atividade segregada, serve como baliza para o desenvolvimento deste meu novo trabalho.

Pretendo analisar se a proximidade do jovem pobre com a sujeira, a droga e a violência estabelecem múltiplos discursos válidos, - diante do vizinho, do amigo de infância que se tornou traficante, do patrão, na abordagem policial,... - para cada situação ou ambiente freqüentado. É mais um elemento que se integra às múltiplas vozes conflitantes pela permissão do falar.

Um sentido subjacente que adere a certos indivíduos, tornando subentendida a inevitabilidade e caráter inato, oriundo da sua situação social, foi detectada em pesquisa realizada nas páginas policiais da *Folha de Pernambuco*, no ano de 1999. Em 87,5% das imagens analisadas, o morto é de classe pobre, sendo os 12,5% restantes desconhecidos, e apenas um de classe média. Há 44,3 % das vítimas com ocupação desconhecida; 20,45% são biscateiros ou autônomos e apenas um é dado como estudante, apesar de 51% das vítimas terem até vinte e cinco anos. São dados como: miseráveis, desocupados, ajudantes de pedreiro, desempregados, biscateiros, autônomos, marginais, etc. 68,18% dos crimes são em favelas ou áreas pobres, 22,72% em áreas de desova e 9,10% em bairros de classe média. Estes dados, que não se propõem a ser um retrato da realidade, apresentam a estreita analogia que a repetição descontextualizada, na *Folha de Pernambuco*, nos permite realizar entre áreas pobres e violência. Condiciona-se um modo de pensar que marginaliza os pobres, principais vítimas da violência.

Dentro deste contexto procuro compreender a construção, reprodução e assimilação de estereótipos e frases feitas, pelo jovem leitor do jornal *Folha de Pernambuco*, residente nas áreas retratadas pelo fotojornalismo de homicídio, como justificativas para a naturalização e legitimação da correspondência entre a violência e a miséria. Sendo assim, procuro entender as fricções simbólicas na elaboração de um discurso autorizado e expor os códigos estigmatizantes na estruturação de idéias e espaços de segregação, descrevendo a falta de investimento social e conseqüente falta de cidadania nos ambientes de miséria e violência e detectando as brechas que permitem a ação do “poder paralelo”.

### **ATUALIDADE E IMPORTÂNCIA DO TEMA:**

Este trabalho tem sua razão de existir fundamentada na atualidade e relevância que o tema da violência urbana obteve. Apesar desta situação, poucos trabalhos sociológicos, no nordeste, têm-se dedicado a compreender este fenômeno social. *“Praticamente a metade dos grupos de pesquisa (fonte do CNPq), nessa área temática (segurança pública e criminalidade), localizam-se na Região Sudeste, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, metrópoles urbanas que mantêm altas taxa de criminalidade violenta há mais de duas décadas.”* (Lima, Misse e Miranda, 2000, p. 46)

No livro *20 Anos de Pesquisas*, sobre a pós-graduação em sociologia na UFPB e suas dissertações defendidas até então, em nenhum dos 105 trabalhos resumidos trata-se da relação entre a estigmatização e exclusão social do jovem com a violência urbana. A questão da violência é restrita à violência doméstica na dissertação: *Violência Doméstica: a representação do desamor no universo familiar*, de Rosielen Maria da Silva.

Ao analisar a violência urbana, inúmeras outras variáveis irrompem na formação da cidade. São as relações que se estabelecem que permitem desenvolver o campo de entendimento da sociologia. Dentre as variáveis e suas relações, destaco o disciplinamento e a resignação dos moradores de áreas carentes, diante de um cotidiano de violência banalizada; o constante convívio e contato da juventude pobre com o crime, que leva a uma associação da sua condição à tendência em tornar-se um marginal; a configuração sócio-econômica que cinde, espacialmente e simbolicamente, a cidade em áreas de ordem e desordem, cabendo a estas fronteiras impedir o "contágio"; o discurso de espontaneidade e justificação da relação violência e miséria, produzindo fricções e conflitos na sua assimilação; e a manifestação da idéia de superação, de forma individual, da condição de pobreza, como única possibilidade de ultrapassar as fronteiras onde a miséria e o crime habitam.

Em suma, são proposições que, ao serem desenvolvidas, permitirão listar e explicar os vínculos recíprocos que promovem uma definida estruturação da sociedade. Observam-se códigos culturais que estabelecem relações que desviam o foco da discriminação e isolamento enquanto elemento principal no estabelecimento desta estrutura, tornando natural e constante a existência de miseráveis na sociedade, bem como, sua proximidade e identificação com a violência. A execução deste trabalho é uma possibilidade de dar continuidade a estudos anteriores sobre a influência da mensagem midiática nos processos de marginalização, tornando o jovem pobre, protagonista principal das páginas policiais, uma fonte inesgotável para despotencialização de conflitos sociais através da sua desqualificação e inserção em clichês determinantes da sua situação.

### **ESPAÇOS EM FRICÇÕES:**

Penso a região metropolitana de Recife enquanto área urbana fragmentada em vários espaços, que têm demarcados e demarcam textos e contextos que permitem a justificação de idéias dicotômicas de ordenamento social. Estas produzem inúmeras relações, dentre as quais seleciono a violência e a miséria, para a problematização. Os ambientes pobres e os seus moradores jovens são entendidos como locais e personagens naturais e inevitáveis de estabelecimento da violência que emana e pode vir a se expandir. Os problemas, a serem investigados, têm, em seu eixo, a idéia de uma sociedade fundada sobre bases de segregação que articula e legitima uma determinada hierarquia social.

Inicialmente, a possibilidade de justificar um discurso autorizado sobre a realidade, leva a discussão da idéia de conflitos sociais, entre espaços considerados de ordem e de desordem. Como esta situação nunca se efetiva em definitivo e em bloco, mas é um constante processo onde demandas distintas se misturam, entendo que o primeiro elemento a ser analisado é o de fricção social. Tomado do conceito de fricção interétnica (Oliveira, 2000), *mutatis mutandis*, a fricção social é contato conflitivo e competitivo entre grupos distintos, que envolve os códigos

relacionais. Assim, os espaços de ordem e desordem, por fazerem parte de um mesmo conjunto social, se tocam e movimentam-se um em relação ao outro, resistindo e interferindo na recepção de discursos. Por ser conflitante, a fricção social não se dá de maneira passiva e mútua na relação e influência entre os grupos. É mais um atributo de atritar: magoar, afligir, penalizar e irritar; donde, apesar de ambos intercambiarem códigos, um grupo tende a impor a sua fala.

Esta imposição da fala tem a ver com os códigos relacionais que permitem diferenciar os grupos entre aqueles que possuem vínculos de prestígio, que solucionam os seus problemas e cuidam dos seus interesses pessoais, e os desprovidos destes contatos e entregues à sorte da impessoalidade opressora do Estado (DaMatta, 1991).

Partindo da categoria de fricção social, me proponho a analisar as possíveis relações de estigma. Conjunto de regras históricas que configuram a representação de um grupo em face a um observador, o estigma tende a ser classificado em três tipos (Goffman, 1988). É o estigma decorrente de culpas de caráter individual (vontade fraca, prisão, desemprego, alcoolismo, vício, pobreza) que supre a necessidade deste projeto. Insere-se em um campo de pesquisa cada vez mais trabalhado no Brasil, que discute a imputação da condição de miséria e a desmotivação a não ultrapassá-la, como responsabilidades individuais.

*E embora se possa argumentar que os processos de estigmatização parecem ter uma função social geral - a de recrutar apoio para a sociedade entre aqueles que não são apoiados por ela - e, presumivelmente, nesse nível, são resistentes à mudança, deve-se ver que parecem estar implícitas aí funções adicionadas que variam marcadamente segundo o tipo de estigma."*  
(Goffman, 1988, p. 149)

Vê-se, nesta citação, a complexidade que envolve o fenômeno do estigma. Há os processos de assimilação de uma justificativa para um dado ordenamento social, há os embates decorrentes do confronto destes discursos com a realidade, há a especificidade de estigmas, que mesmo em grupos considerados anormais, por outros, apresentam indivíduos que se consideram normais e estigmatizam outros, enfim, a idéia de estigma apresentada por Goffman (1988) se associa como um feixe a outros conceitos a serem discutidos. Específico o debate que Rosilene Alvim (2002), Oliveira (1976), DaMatta (1991) e Amorim (2001), desenvolvem sobre a compreensão do outro e sua alteridade, inseridos na mesma sociedade do pesquisador. Além das discussões sobre ordem e desordem, pureza e impureza, individualismo, limites e trânsito, interdições, dentre outros, presentes nas obras de Dumont, Mary Douglas e Victor Turner. Em referência a Alba Zaluar, destaco o seu livro, *A Máquina e a Revolta*, onde trata desde a escolha feita por indivíduos diante da vida marginalizada até "(...) as relações entre bandidos e trabalhadores no que elas iluminam a formação da identidade de trabalhador e suas representações sobre o crime, a justiça, o poder e a desigualdade social." (Zaluar, 1985, p. 133)

A partir de inúmeras relações entre a pobreza e a violência, dá-se nas instituições, na imprensa e na literatura campos de disputas sociais e não elementos determinados por uma ideologia dominante, que transforma os pobres em "fantoques". Complementando esta posição, não é possível deixar de constatar os processos que incidem sobre o jovem pobre, associando-o, em bloco, aos bandidos. *"Uma das expressões da dominação é a construção da identidade do dominado pelo dominador. E uma das técnicas repressivas é a estigmatização de quem se quer reprimir."* (Zaluar, 1985, p. 168) Esta situação, aceita pela classe

dominante, é contrastada com os códigos sociais que ordenam o convívio em espaços comuns, do pobre e do bandido.

É a fricção entre o discurso standardizador do jornal *Folha de Pernambuco* e o cotidiano dos que vivem segregados que me interessa.

A idéia que concebe o espaço de pobreza, de maneira intrínseca, caracterizado pela sujeira e pelo caos, leva a qualificar por analogia a todos os seus ocupantes de maneira uniforme. Estes espaços são marcados por um distanciamento simbólico que o despreza e desconsidera a possibilidade de pertencer e ser produto do conjunto social.

*"Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. Jamais são concebidas como espaços permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistas como locais de transição: 'zonas', 'brejos', 'mangues' e 'alagados', Locais liminares, onde a presença da lama marca um espaço físico confuso e ambíguo."* (DaMatta, 1991, p. 50)

O investimento social leva a aceitar o estabelecimento de dois mundos. O que dele é privado, e o que o tem como condição natural da sua posição. Este investimento social corresponde às possibilidades de acesso de grupos distintos, em uma mesma sociedade, a direitos e garantias. A partir de um ideal de igualdade de oportunidades, pode-se determinar o grau de desigualdades de uma sociedade pelos obstáculos discriminatórios. Estes obstáculos podem encontrar-se tanto na ausência como na não eficácia no cumprimento de direitos relativos a um conjunto de indivíduos. Assim, o acesso à alimentação, moradia, assistência médica e social, serviços de segurança e justiça, oportunidades de educação e emprego, lazer, dentre outros, constituem os elementos que este trabalho emprega como definição de investimento social que permite um acesso à cidadania.

Este processo discriminatório, que acredito envolver as relações sociais entre a juventude pobre da cidade de Recife, mais especificamente, é responsável pelo estabelecimento de áreas desprezadas socialmente e outras que vivem em constante tensão pela possibilidade de contágio com os fenômenos da violência e miséria. A percepção mais evidente, que se tem quanto ao mundo desqualificado, deriva do medo "que o morro desça". Ou seja, a distinção entre áreas pertencentes a dois mundos, sem que haja relações causais, estabelece nos lugares de ordem o receio de que sejam invadidos, que a miséria ultrapasse as linhas a que se encontra confinada. *"Não toda a sociedade, mas setores da população vivem uma situação de guerra. Eu não tenho dúvida nenhuma disso, se você definir como guerra a privação de direitos e a imprevisibilidade em alto nível"*. (Luís Eduardo Soares In: Carta Capital, 5 setembro de 2001, p. 27).

Luís Eduardo Soares demonstra que, em uma mesma sociedade, "setores da população" têm sua condição de vida diferenciada, sem que o Estado possa assegurar um investimento social e um acesso à cidadania igualitária. Esta sensação de incapacidade do Estado leva à elaboração de discursos que afirmam a responsabilidade individual do jovem em situação de miséria e de violência.

Absolve-se a estrutura social por meio de uma nova condenação aos segregados. Além de mantê-los na miséria e violência, atribui-lhes a culpa pelo seu estado.

## **CONCLUSÃO:**

Em trabalho anterior busquei detectar as vozes que se destinam a um receptor desqualificado anteriormente (Amorim, 2001), como justificativas a um quadro de segregação. Neste novo trabalho, pretendo ultrapassar esta análise, desprezando a idealização teórica do receptor em "fantoche", e descrever as condições que permitem-no receber o discurso de estigma e resignificá-lo. Pretendo evidenciar as tensões presentes, nos conflitos das vozes que procuram descrever a sociedade, e associá-las às práticas de discriminação e à violência.

Para esta pesquisa, eu uso de maneira integrada, a partir do referencial teórico, o *survey* e métodos qualitativos. Entendo ser esta a melhor forma de tanto avançar na produção de conhecimentos quanto manter um controle sobre os dados coletados. Como afirma Goldenberg a respeito da sua pesquisa sobre amantes de homens casados, "*A integração dos dados quantitativos e qualitativos permite verificar a tensão existente entre a 'escolha individual' e o 'campo de possibilidades' (...)*" (1997, p. 66)

Escolhi, nesta pesquisa, trabalhar com jovens residentes em bairros violentos e carentes, na região metropolitana de Recife, em decorrência do cruzamento das informações contidas nas entrevistas, já realizadas, com fotografos da *Folha de Pernambuco*, e dos dados provenientes do IBGE. Os indivíduos questionados são necessariamente leitores da *Folha de Pernambuco*, devido à proposta deste projeto de estudar as fricções do discurso do jornal, lido por indivíduos estigmatizados. Utilizando o método de observação participante, nestes bairros, e entrevistas que se preocuparão em registrar o cotidiano dos seus moradores, procuro com estes registros ampliar o entendimento sobre o tema, levantar hipóteses, detectar estereótipos, frases feitas, motivações e sentimentos, conhecer melhor o ambiente e o dia-a-dia que está sendo pesquisado, e compreender os seus discursos, o significado e o valor de certas palavras.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 254p.

ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a juventude. In: Comunicações do ISER. *Juventude, Cultura e Cidadania*. Ano 21, Edição Especial, 2002.

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e seu Outro*: Bakhtin nas ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001. 304p.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai Sangue*: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995. 157p.

ARENDR, Hannah. *Origem do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 562p.

\_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTHES, Roland. A Mensagem Fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 323-340.

BAUDRILLARD, Jean. *À Sombra das Maiorias Silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BECKER, Howard. *Los Extraños: sociologia de la desviación*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1971. 162p.

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993. 178p.

BUBER, Martin. *Imagens do Bem e do Mal*. Petrópolis: Vozes, 1992. 70p.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000. 400p.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 2001. 376p.

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 2000. 307p.

CARDOSO, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 156p.

CASTORIADIS, Cornelius. *Os Destinos do Totalitarismo e Outros Escritos*. Porto Alegre: L&PM, 1985. 120p.

CHAUI, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1997.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. 177p.

DOUGLAS, Mary. *Natural Symbols*. Middlesex: Penguin Books, 1978. 220p.

\_\_\_\_\_. *Como as Instituições Pensam*. São Paulo: Edusp, 1998. 141p.

\_\_\_\_\_. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, s/d. 214p.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1997. 424p.



\_\_\_\_\_. *Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*. Bauru: Edusc, 2000. 283p.

\_\_\_\_\_. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 283p.

FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 294p.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 82p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002. 262p.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985. 236p.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. 158p.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997, 107p.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 206p.

KRISTEVA, Julia. *Poderes de la Perversión*. México: Siglo XXI, 1988. 286p.

LIMA, Roberto Kant de; MISSE, Michel e MIRANDA, Ana Paula Mendes de. *Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil: uma bibliografia*. In: *BIB*. Rio de Janeiro, n<sup>o</sup> 50, 2<sup>o</sup> semestre de 2000, p. 45-123.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998. 207p.

MARTINS, José de Souza. *Expropriação e Violência: a questão política no campo*. São Paulo: HUCITEC, 1991. 185p.

\_\_\_\_\_. *O Poder do Atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: HUCITEC, 1999. 174p.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 350p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Do Índio ao Bugre*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 152p.

\_\_\_\_\_. *Enigmas e Soluções: exercícios de etnologia e de crítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. 210p.

\_\_\_\_\_. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000. 220p.

PPGS/UFPB. *20 Anos de Pesquisas*: resumos das dissertações elaboradas no programa de pós-graduação em sociologia. João Pessoa: PPGS-UFPB/Manufatura, 1999. 75p.

RIBEIRO, Renato Janine. *A Sociedade Contra o Social*: o alto custo da vida pública no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 234p.

SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. 448p.

\_\_\_\_\_. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Record, 2001b. 270p.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. *Muito Além do Jardim Botânico*: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985. 164p.

SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold (orgs.). *Simmel e a Modernidade*. Brasília: Editora da UnB, 1998. 274p.

SOUZA, Percival; FAERMAN, Marcos e PORTELA, Fernando. *Violência e Repressão*. São Paulo: Símbolos, 1978. 208p.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 385p.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974. 247p.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade*: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 112p.

\_\_\_\_\_. *Individualismo e Cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 149p.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 1995. vls. 1 e 2.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta*: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. 266p.

1 Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. edisio.sociologo@ibest.com.br